



CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

FRANCISCO NALYSSON LUCENA DA SILVA

“O QUE FALTA EM VOCÊ SOU EU”: a falta e seu papel na construção dos
(des)encontros das relações amorosas.

FRANCISCO NALYSSON LUCENA DA SILVA

“O QUE FALTA EM VOCÊ SOU EU”: a falta e seu papel na construção dos
(des)encontros das relações amorosas.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Psicologia, do Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS), como requisito para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II), sob a orientação do professor Esp. Davi Sampaio Cardoso.

FRANCISCO NALYSSON LUCENA DA SILVA

“O QUE FALTA EM VOCÊ SOU EU”: a falta e seu papel na construção dos
(des)encontros das relações amorosas.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Psicologia, do Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS), como requisito para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II), sob a orientação do professor Esp. Davi Sampaio Cardoso

Aprovado em ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Professor Esp. Davi Sampaio Cardoso
Orientador

Professora Ma. Meury Gardênia Lima de Araújo
Avaliadora 1

Professor Me. Thallison de Souza Nobre
Avaliador 2

Aos (des)encontros que me constituíram, aos
amores que foram inventários do que me
faltava, e à falta mesma, que se mostrou não
um vazio, mas o solo fértil diante do que não
se concretiza e nunca se concretizará. Dedico,
assim, esta pesquisa aos amantes que querem
dar dignidade aos restos, afinal, é deles que
somos feitos.

AGRADECIMENTOS

Chegou o momento de tentar transformar em palavras a gratidão que transborda em mim. Este trabalho é muito mais do que a conclusão de uma etapa acadêmica; é a materialização de uma jornada de transformação, sonhos e superação.

A todos que, de alguma forma, cruzaram meu caminho durante essa trajetória, meu sincero obrigado.

À minha mãe, Maria Franciene Lucena da Silva, e ao meu pai, Francisco Vieira da Silva, não há palavras que possam retribuir o amor e o sacrifício de vocês. Mãe, sua presença e seu incentivo durante todos os cinco anos foram o meu porto seguro. Pai, seu apoio silencioso e forte sempre me deu a base para seguir em frente. Vocês são meus maiores exemplos, e essa conquista é para além de mim: é de vocês.

Às minhas irmãs, Nágila Lucena e Naiane Lucena, obrigado. Obrigado por sempre acreditarem em mim. Com vocês, sempre vi um reflexo do que eu poderia me tornar, e isso me deu forças para tornar isso realidade.

A você, Davi Lopes, minha gratidão é profunda. Você foi mais do que um parceiro; foi um companheiro de todas as horas. Obrigado por todo o apoio, por dividir as angústias, celebrar as pequenas vitórias e por me fortalecer quando eu estava prestes a fraquejar.

Aos meus amigos de graduação, Sara Vituriano, Lucas de Queirós, Sabrina Kelly, Rebeca Costa e Eriislânia Oliveira, como foi bom compartilhar essa caminhada com vocês! As risadas, os trabalhos em grupo e o ombro amigo fizeram com que os desafios se tornassem mais leves. Levo cada um de vocês com muito carinho.

Ao meu orientador, Prof. Davi Sampaio, obrigado. Obrigado pelo seu auxílio meticuloso, por seus ensinamentos valiosos e pelo fortalecimento que você me dava a cada novo capítulo concluído, os quais foram essenciais. Sem a sua paciência, sabedoria e incentivo, nada disso seria possível. Muito obrigado por acreditar neste trabalho e, principalmente, em mim.

Por fim, quero agradecer a mim mesmo. Soa estranho, mas é necessário. Obrigado por não ter desistido quando a estrada pareceu íngreme, por ter acreditado quando a dúvida bateu à porta e por ter confiado no próprio potencial mesmo nos dias em que ele parecia distante. Esta conquista é, antes de tudo, nossa.

*“O que falta em você sou eu
Seu sorriso precisa do meu
Sei que tá morrendo de saudade
Vem buscar logo a sua metade”.*

(Marília Mendonça).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 OBJETIVOS.....	11
2.1 OBJETIVO GERAL.....	11
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
3.1 “ME AME MAIS”: O AMOR CONTEMPORÂNEO.....	11
3.2 “O QUE FALTA EM VOCÊ SOU EU”: ENTRE A FALTA E O OBJETO NA PSICANÁLISE.....	13
3.3 “NÓ BORROMEANO”: REAL, SIMBÓLICO E IMAGINÁRIO.....	16
3.4 “PROJETA TUDO EM MIM E VOCÊ FICA COM O QUE?”: SOBRE A TRANSFERÊNCIA.....	19
4 METODOLOGIA.....	22
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	23
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	30

“O QUE FALTA EM VOCÊ SOU EU”: a falta e seu papel na construção dos (des)encontros das relações amorosas.

Francisco Nalysson Lucena da Silva¹
Davi Sampaio Cardoso²

RESUMO

Na contemporaneidade, os sujeitos valorizam mais sua individualidade e buscam afirmar suas identidades, o que impacta diretamente como se relacionam. Como resultado, os relacionamentos, frequentemente, não conseguem suportar os desafios da convivência, uma vez que as projeções idealizadas tendem a se desfazer com o tempo. A pesquisa tem como objetivo compreender o papel da falta na construção imaginária do objeto amado e suas manifestações nos (des)encontros nas relações amorosas a partir da perspectiva psicanalítica. A metodologia adotada para a pesquisa foi a de revisão bibliográfica e a pesquisa narrativa, de caráter qualitativo. Será discutida a articulação das relações amorosas pondo em vista as dinâmicas da sociedade capitalista, cujo fundamento da produção e do consumo transformará os sujeitos em meros consumidores. Como também será discutido o conceito de falta na perspectiva de que o amor surge como resposta a essa falta, além de discorrer sobre os três registros lacanianos: Real, Simbólico e Imaginário. Por fim, a transferência será evocada a partir do “O Banquete” de Platão, ao qual Lacan comenta que o que caracteriza o amante, érastès, é aquilo que lhe falta, a marca da castração que lhe é inconsciente. Portanto, a pesquisa aponta que a presença da falta destaca a lacuna que define cada um, abrindo espaço para o vazio que permeia a existência dos seres de linguagem. No entanto, esse vazio não deve ser visto como um desajuste a ser eliminado, mas sim como uma oportunidade para novas criações e conexões diversas. Dessa forma, a pesquisa implica uma questão crucial ao questionar se amar não se representaria pelo desejo de ser amado. Amar, assim, carrega consigo o que mais encanta o sujeito no amor: a falta, mesmo que ele não saiba.

Palavras-chaves: psicanálise; amor; falta; contemporaneidade; (des)encontros.

ABSTRACT

In contemporary times, individuals value their individuality more and seek to assert their identities, which directly impacts how they relate to each other. As a result, relationships often fail to withstand the challenges of coexistence, as idealized projections tend to fade over time. The research aims to understand the role of absence in the imaginary construction of the beloved object and its manifestations in the (dis)encounters in romantic relationships from a psychoanalytic perspective. The methodology adopted for the research was a literature review and qualitative narrative research. The articulation of romantic relationships will be discussed in light of the dynamics of capitalist society, whose foundation of production and consumption will transform subjects into mere consumers. The concept of lack will also be discussed from the perspective that love arises as a response to this lack, in addition to discussing the three Lacanian registers: Real, Symbolic, and Imaginary. Finally, transference will be evoked from Plato's “The Banquet,” in which Lacan comments that what characterizes the lover, erastes, is what he lacks, the mark of castration that is unconscious to him. Therefore, the research points out that the presence of

¹ Acadêmico em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado - UniVS. E-mail: nalyssonlucena@gmail.com

² Especialista em Políticas Públicas e Atenção Psicossocial pela Universidade Estácio de Sá. Professor do curso de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado - UniVS. E-mail: davisampaio@univs.edu.br

lack highlights the gap that defines each one, opening space for the emptiness that permeates the existence of beings of language. However, this emptiness should not be seen as a mismatch to be eliminated, but rather as an opportunity for new creations and diverse connections. Thus, the research implies a crucial question by asking whether loving is not represented by the desire to be loved. Loving, therefore, carries with it what most enchants the subject in love: lack, even if he does not know it.

Keywords: psychoanalysis; love; absence; contemporaneity; (mis)encounters.

1 INTRODUÇÃO

O amor surge dentro de cada um como um ato de imaginação, uma construção que busca satisfazer os seus anseios mais íntimos. Ele permite o sujeito a se renovar e a se transformar, como uma força capaz de moldar novas versões de si mesmos (Lins, 2017). É um dos elementos mais essenciais da experiência humana, servindo como base para as culturas e assumindo significados diversos dentro da riqueza linguística que constrói as sociedades (Queiroz; Silva, 2023).

Apesar de estar presente e fazer parte da humanidade desde suas origens, como expressão cultural, o amor é fruto da experiência da linguagem e da cultura do qual se adapta às transformações das sociedades. Percorrendo até a modernidade, nota-se que a compreensão sobre o amor se transformou com as mudanças do final do século XX e o progresso tecnológico do século XXI, de forma que hoje observam-se alterações nos modos como os sujeitos contemporâneos vivenciam suas relações amorosas (Amaral; Quintella, 2019).

Hoje, os sujeitos valorizam mais sua individualidade, buscam afirmar suas identidades, o que impacta diretamente como se relacionam (Giannini, 2023). Como resultado, os relacionamentos amorosos têm se tornado mais frágeis, pois muitos já demonstram desinteresse em construir laços duradouros desde o início, tornando essas conexões cada vez mais passageiras (Amaral; Quintella, 2019).

Como resultado, os relacionamentos, frequentemente, não conseguem suportar os desafios da convivência, uma vez que as projeções idealizadas tendem a se desfazer com o tempo. Esse processo abre caminho para frustração, já que, inevitavelmente, o sujeito se depara com a realidade de um ser humano autêntico, único, distante da imagem idealizada perfeita que este havia imaginado em suas fantasias. Portanto, o amante atribui ao amado o poder de suprir o que lhe falta, não porque o outro realmente possui o que falta ao amante, mas porque o sujeito o idealiza. Da mesma maneira, surge a impossibilidade de encontrar plenitude no objeto amado. Sempre há algo que escapa, uma não-totalidade. (Oliveira, 2019).

Logo, é necessário reconhecer que para amar é preciso que haja o reconhecimento de uma falta, de uma incompletude. Portanto, o trabalho pretende se estruturar na seguinte pergunta: “De que modo a falta se expressa nas experiências dos (des)encontros das relações amorosas?”.

Esta pesquisa torna-se importante para a sociedade pois o amor move o sujeito com

sua relação com o outro. Contudo evidencia-se na contemporaneidade uma problemática crescente: a fragilidade dos vínculos e a liquidez do amor. Para tanto, é fundamental entender como funciona a dinâmica do amor e da falta na construção dos amantes e como isso influencia na interação social, que permeia a desvalorização de laços mais duradouros.

O que distingue esta pesquisa de outros estudos são os aspectos explorados, no que concerne à abrangência da dinâmica amorosa no mundo contemporâneo, retomando a fragilidade dos laços e o amor enquanto bem de consumo. Associar a função da falta nos relacionamentos é essencial, pois permite repensar os afetos para que não caiam no padrão de liquidez característico da época atual. Olhar para a falta contribui para a construção de laços mais sólidos, já que ela revela a incompletude inerente ao ser humano e desafia a ilusão de completude.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender o papel da falta na construção imaginária do objeto amado e suas manifestações nos (des)encontros nas relações amorosas a partir da perspectiva psicanalítica.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Explicar acerca das concepções sobre o amor no século XXI;
- Esclarecer a respeito dos conceitos de falta e o objeto na perspectiva Psicanalítica;
- Discorrer sobre os registros Lacanianos e a transferência;
- Descrever acerca da elaboração do amor e da falta na constituição do sujeito nos (des)encontros das relações amorosas.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 “ME AME MAIS”: O AMOR CONTEMPORÂNEO.

As noções de amor e romance são moldadas por edificações históricas e coletivas, o que questiona a concepção de que o sentimento amoroso seja totalmente natural ou atemporal. A monogamia, enquanto alicerce do modelo capitalista vigente, do colonialismo e do

patriarcalismo, mantêm-se ligados a esquemas de dominação e de sofrimento, em virtude das amarras nas possibilidades de construir um amor (Vidal, 2025).

Do qual articula as relações amorosas às dinâmicas da sociedade capitalista, cujo fundamento da produção e do consumo transformará os sujeitos em meros consumidores (Bedê et al., 2022). Atualmente, o amor atravessa uma fase em que os vínculos afetivos tornam-se progressivamente mais apartados pela agressividade, pela rapidez das relações, pelas exigências profissionais e econômicas da vida contemporânea (Dominguez, 2015).

O sujeito contemporâneo, inserido na cultura, encontra na internet uma outra dinâmica das relações em que a valorização ocorre de modo exagerado. Como também reflete nos relacionamentos amorosos. O objetivo, nessa perspectiva de relacionamento, não se configura mais como possuir o outro, mas o que ele tem a oferecer, alimentando a sensação de plenitude gerada por estar com alguém (Santos, 2020).

O progresso tecnológico como facilitador dos relacionamentos virtuais, o foco no indivíduo, a busca por autorrealização e pela felicidade pessoal levam a refletir sobre o impacto do digital no amor nas relações. Exemplo prático é o ato de percorrer diversos perfis no Tinder, buscando aquele que faça o semblante desse objeto desejado (Santos, 2020; Carballo; Fonseca, 2023).

As chances de achar alguém compatível aumentam ao considerar pessoas com interesses semelhantes. Dito isso, as teses de “opostos se atraem” têm sido cada vez mais refutadas (Santos, 2020). Observou-se, como padrão de análise, a recorrência de contradições como: ser e agir, permanecer e escapar, preso e livre, antigo e novo, eterno e passageiro, união e separação. Padrão esse que define o amor atual como uma mistura de emoções opostas, criando mais um paradoxo: a definição do indefinível (Dominguez, 2015).

A era atual, marcada pela fluidez moderna e, por consequência, por uma sociedade cheia de mensagens contraditórias, transformações velozes e imprevisíveis, está ligada a uma fragilização das relações humanas. Os relacionamentos, breves em duração e rasos em profundidade, revelam a instabilidade que é uma das marcas que têm definido a sociedade atual (Santos, 2020). Não o bastante, a cultura do consumo e do individualismo fragilizou os laços humanos, o que leva ao sujeito contemporâneo a priorizar os seus próprios interesses em relação ao outro (Carballo; Fonseca, 2023).

Todavia, Vidal (2025) aponta que o amor estaria na posição de receber o outro, como alguém diferente de si mesmo, em vez de projetar nos relacionamentos a expectativa de um mero reflexo de si próprio. Também, nem tampouco, a experiência do amor se reduziria pela busca de uma completude através dos relacionamentos enquanto um pedido de suplência ao

outro, pois o sujeito é impossibilitado de dar o que não possui, como afirma a citação célebre de Lacan: “amor é dar o que não se tem” (Lacan, 1960/1992, p. 126).

Diante dessa questão da falta, surge um paradoxo: é justamente pela lacuna, por essa ausência, que a falta molda o sujeito freudiano. O resultado disso é invariavelmente um ser marcado pela incompletude, o sujeito faltoso, o resto (Giannini, 2023; Caiado, 2022).

3.2 “O QUE FALTA EM VOCÊ SOU EU”: ENTRE A FALTA E O OBJETO NA PSICANÁLISE.

Os seres humanos quando nascem são cuidados e têm suas necessidades primárias atendidas pelos cuidadores ou genitores, que substitui suas fraldas e os amamentam. Estas crianças, satisfeitas em suas necessidades, passam a observar o mundo como uma ampliação de si mesmos, ou seja, não há uma plena separação entre o exterior e o interior, de modo que o bebe assume as alterações do mundo externo que são em decorrência das excitações internas. Portanto, não estariam em um estado que poderia ser chamado de consciente, mas sim como um emaranhado de percepções que ainda não foram compreendidas (Araújo, 2022).

Diante da angústia de não conseguir ter suas necessidades prontamente atendidas pelos cuidadores, que em algum momento não será correspondido a todo momento, evidencia a impossibilidade de plenitude, e são obrigados a reconhecer a mãe ou aquele(a) que exercer essa função, como uma pessoa alheia a elas. É mediante essa perda que se estabelece a busca incessante em prol de recuperar um objeto supostamente perdido. Assim, resta às crianças, a angústia pela ausência materna, imaginar o seio da mãe, seu afeto, ou seja, satisfazer o desejo como fantasia. É a partir dessa perda que se consolida a demanda insaciável em tentar reencontrar o objeto perdido (Araújo, 2022; Giannini, 2023). O objeto trata-se daquilo que pode alcançar a satisfação do sujeito, além de ser algo que varia constantemente, é mutável, do qual pode ser um objeto externo ou uma parte do corpo (Santos; Mello, 2021).

Na relação entre mãe e filho, fundamental para a constituição do sujeito, assim como a metáfora do Édipo-rei, o filho tomará a mãe como o primeiro objeto amado e o pai como aquele que barra o seu acesso. Assim, ele irá se deparar com a castração pela proibição do desejo amoroso frente à mãe, o que implica na experiência da incompletude, o que lhe provoca intensa angústia. Nesse processo, a criança toma o pai como possuidor do falo, o que efetua a inscrição da lei paterna. Dito isto, é na renúncia de seus desejos direcionados à mãe, que o indivíduo adentra a linguagem, e assim, a vida social e familiar (Araújo, 2022).

Existem três processos que permeiam a relação do sujeito com o objeto mediante a inserção na linguagem, são eles a: privação, a frustração e a castração. A privação é fundamental para o sujeito na constituição da sua relação com o mundo. É a mãe quem o introduz na privação, não se estando presente o tempo todo, para que na sua ausência a criança possa reivindicar sua presença. A frustração se define como uma falta real, mas que gera um efeito imaginário. Neste âmbito, a criança reconhece a mãe como ser de falta e se oferece como seu falo na tentativa de completá-la. Quanto à castração, consiste na mediação do pai no encontro entre mãe, criança e falo, conforme já exposto.

O sujeito é caracterizado pela inscrição da linguagem que anseia pela necessidade de atribuir sentido ao mundo que o cerca. É mediante a capacidade de simbolização do sujeito que se dá a aquisição da linguagem para a compreensão do mundo, para que assim o sujeito seja capaz de dar forma às suas fantasias, sonhos e medos. Contudo, se o inconsciente é estruturado como uma linguagem, logo, a simbolização tentará abarcar todas as sensações. Entretanto, nem tudo é passível de ser representado e inscrito na linguagem (Giannini, 2023).

O ser humano ao adentrar na linguagem, torna-se sujeito de desejo. A falta motiva as novas criações, as resoluções de conflitos, o desenvolvimento, porém não o bastante para satisfazer o desejo. Desse modo, o símbolo assume a tentativa de preencher a lacuna ausente do sujeito insatisfeito (Giannini, 2023). Este sujeito também participa de uma sociedade, de um conjunto de leis e que sua constituição psíquica não poderia acontecer se não fosse pela sua inserção na cultura (Araújo, 2022).

A linguagem atua como mediador entre indivíduo e sociedade, dialeticamente, pela proibição, pela norma e pela falta constituinte do sujeito. Isto é, a linguagem insere-se em uma perspectiva da cultura, do desejo e da impossibilidade de representar tudo que há de íntimo e essencial no homem, carregando em si, também, uma falta, uma impossibilidade de acesso ao objeto amado, comum a todos (Araújo, 2022). Se a língua fosse plenamente estável, se o discurso fosse completo, não haveria o espaço vazio por onde os significados podem transbordar, deslizar, desviar. Portanto, a falta serve, tanto ao sujeito quanto à língua, do qual este pode brincar com o possível e o impossível (Giannini, 2023).

A inscrição no mundo da linguagem implica em uma interdição ao objeto. A criança abandona a condição na qual obtém tudo que deseja e, atravessada pela realidade, torna-se necessário formular a demanda para que seja atendida. Ou seja, a linguagem não é capaz de alcançar todo o desejo (Giannini, 2023). Isso instaura nas crianças a ideia de que existe um outro, não apenas ele mesmo. Diante disso, ele inicia a ter aquilo que chama-se de desejo na sua relação com o externo que, como nem sempre será atendido, também inaugura sua

dialética, a falta (Araújo, 2022). Ou seja, há um desejo de querer ser aquilo que não se é, uma posição que almeja negar a própria castração (Caiado, 2022).

O sujeito deposita no Outro a resposta para sua existência, do seu ser. Dirige seu apelo na esperança de que este lhe revele aquilo que lhe falta e que poderia torná-lo pleno em sua condição de sujeito faltante, ou seja, castrado. Trata-se de uma busca de restauração, de completude, do anseio de se fazer um com o outro. E as paixões do ser, como: amor e ódio, são respostas a essas buscas. Uma resposta ao que o Outro quer do sujeito, que ele supõe, no cenário da fantasia, que ele possa falar sobre o seu destino, sobre seu resgate da completude (Caiado, 2022).

O sujeito vive em contínuo contato com o vazio que o constitui, evocando para sua vida a angústia, uma inquietação que coloca o sujeito na constante busca de um significante que responda a essa angústia e seja capaz de produzir a ilusão de completude (Nicolau, 2021). Vale ressaltar que as primeiras vivências de satisfação causam uma certa fixação, o que provoca uma saudade no sujeito que o levará a buscar pela repetição dessa experiência. Portanto, a satisfação será sempre parcial, isto porque os objetos são sempre parciais (Santos; Mello, 2021), dessa forma, provoca angústia no sujeito. Tornando-se vulnerável a alienação de uma possível completude que permanecerá sempre ilusória (Giannini, 2023).

No mundo contemporâneo busca-se cada vez mais objetos no mercado de ofertas do capital para tamponar a falta, como objetos de prazer inventados pela ciência, tais como o saber dos livros ou os bens de consumo materiais. São objetos que atuam com o efeito de distrair o sujeito, por meio de uma satisfação momentânea. As alternativas para fugir dessa falta vão desde as terapias mais diversas, ao apelo ao consumo como de carros, medicamentos, informação, tecnologia e tudo que o dinheiro pode comprar (Nicolau, 2021). Os objetos são trocados por serem parciais, sendo assim, oferecem uma satisfação incompleta, e o sujeito continua a buscar por aquilo que pode satisfazê-lo, sendo uma tentativa de retornar à primeira experiência de satisfação (Santos; Mello, 2021).

Estas alternativas de estratégias disponíveis na contemporaneidade tornam o sujeito que está sofrendo em presa fácil para os vendedores de “soluções rápidas”, muitas vezes torna-se vítima de um jogo que vai empobrecer os recursos simbólicos, tendo menos possibilidades para responder a essa angústia (Nicolau, 2021). Em relação ao amor, o sujeito se aliena a ele como uma resposta a essa falta, o amor como uma demanda para preencher a falta. Serve de tampão, ou, ainda, rolha, tudo para não ver a condição de sujeito faltante (Caiado, 2022).

Os templos religiosos, por exemplo, são cheios de fieis ansiosos para dar fim ao sofrimento que sentem e garantir a felicidade por meio do encontro com a completude divina, do qual pagam com o preço do desejo. Essa entrada religiosa pode ser como uma alternativa de escapar do encontro com a falta, e a religião poderia estar trabalhando com a mesma lógica capitalista, ao se oferecer como objeto a ser consumido, uma vez que se coloca para preencher a falta (Nicolau, 2021).

Para pensar a dimensão do amor como resposta à falta, é preciso trabalhar sua dimensão imaginária, um lugar da tampa para o furo, um lugar em que o Outro vê o sujeito e em que também lhe agrada ser visto. Contudo, o amor pode ser colocado em um lugar mais além, onde ele renunciará a seu objeto amado, não mais em uma posição de se submeter ao desejo do outro, mas para além de si, para além de uma dimensão imaginária (Caiado, 2022).

3.3 REAL, SIMBÓLICO E IMAGINÁRIO.

O que escapa da capacidade do significante para Lacan é o real, em que este por sua vez, não pode ser entendido apenas como aquilo que precede a linguagem. O real não desaparece por completo quando uma criança assimila a linguagem, evidenciando que esse registro é aquilo que ainda não foi simbolizado, o resto do que escapa ou resiste à simbolização (Cukiert; Prizskulnik, 2002). É aquilo que o sujeito precisa excluir da realidade para que esta, que é constituída pela heterogeneidade do simbólico e do imaginário, se apresente de modo harmonioso, dotada de significado. É aquilo que carece de sentido, impensável, que escapa e faz o sujeito fracassar, sendo, portanto, impossível de ser nomeado (Santos, 2024).

A proporção em que a criança adota certa imagem de si mesma, esta não se restringe a isso, uma vez que nunca é por meio de sua própria visão que a criança se enxerga, mas invariavelmente pela perspectiva daquele que a ama ou a despreza. Desse modo, para se constituir, é necessário que a criança seja objeto do olhar e tenha um lugar no campo do Outro, cujo reconhecimento, ao conferir-lhe um nome, permite sua entrada no registro simbólico. Nessa perspectiva, o registro simbólico pré-existe ao sujeito. Mais do que inscrevê-lo, ela perdura. Assim, antes do nascimento do corpo biológico e da própria criança, o simbólico já se manifesta na fala e nas expectativas da família e da sociedade (Cukiert; Prizskulnik, 2002).

A inscrição do simbólico abrange toda a ação do sujeito vinculada à linguagem; dessa edificação resulta a máxima lacaniana - o inconsciente é estruturado como uma linguagem -

ao postular que o sujeito está subjugado às normas da sua própria fala e que essa enunciação está sujeita às leis da linguagem. Essas normas se manifestam por termos que atropelam, vacilam, expressam mais ou algo diverso daquilo que o sujeito pretendia enunciar, para além do que conscientemente almejava comunicar (Santos, 2024).

Para o sujeito da psicanálise, um ser da linguagem, é necessário que haja um outro que antecipe a imagem para que ele produza um saber sobre si mesmo. Todavia, ao tentar compreender essa imagem primitiva, ela se fragmenta e mostra a dificuldade de adequação do imaginário, pois depende da voz do outro, que o diz quem é, o que define a relação simbólica (Gordim, 2023). No campo do registro simbólico, encontra-se uma dimensão que leva em conta a lógica da palavra e a presença do Outro como detentor dos significantes. Assim, a linguagem é um caminho privilegiado para transformar o simbólico e produzir efeito (Novelli, 2017).

A imagem do corpo desempenha um papel fundamental na constituição do sujeito, pois é a imagem refletida que possibilita à criança estabelecer a relação de seu corpo e de seu eu com a realidade ao seu redor. No entanto, o aspecto mais essencial na adoção da imagem do corpo no espelho, é que a criança alcança, nesse instante, a confirmação e a validação dessa representação como pertencente a um sujeito. Se há um processo de identificação no campo especular, na medida em que a criança assume certa visão de si mesma, ele não se limita a isso, já que a criança nunca se enxerga por meio de seus próprios olhos, mas sempre por meio do olhar daqueles que a amam ou a rejeitam. Dessa forma, para se constituir, é necessário que a criança seja objeto do olhar e tenha um lugar no campo do Outro, cujo reconhecimento, ao nomeá-la, possibilita sua inserção no âmbito simbólico (Cukiert; Prizskulnik, 2002).

No registro imaginário, a criança passa a reconhecer-se no Outro, e perder-se nele, pelo o estágio do espelho. Nessa fase, dá-se uma mudança no sujeito, que incorpora e identifica para si uma imagem, um eu ideal. No entanto, essa imagem é especular, ou seja, construída em outro lugar, no lugar do Outro, e apresenta uma função alienante. O sujeito, barrado e dividido, apreende-se, no nível imaginário, como imagem de si. É pelo estágio do espelho, então, que o sujeito começa a mapear o seu eu, e distinguir-se do outro, onde cria a unidade de um todo imaginário de si (Lacerda, 2022).

O estágio do espelho, no registro imaginário, revela uma lógica na qual o bebê busca reconhecer-se na imagem refletida, um momento em que ainda não tem domínio sobre o seu corpo, e por isso, percebe-o fragmentado, até deparar-se com uma imagem inteira, oportunizada pelo espelho. Mas não é necessário um espelho físico, o olhar do Outro pode

cumprir essa função. Ao receber esses estímulos, ou significantes provenientes do Outro, o bebê tentará, ou eventualmente conseguirá, produzir alguma resposta ao perceber-se como objeto para esse Outro (Domingos, 2020). O que permite à criança identificar-se com sua imagem refletida no espelho é o reconhecimento, não de si, mas do Outro que o diz quem é (Kaszubowski; Aguiar, 2015).

A presença do Outro é incorporada em um esquema que simula solipsismo, um conhecimento que está estritamente submetido à consciência do Outro, uma vez que este é posto como imagem especulativa criada pelo sujeito. Vale destacar que o próprio Outro, em sua concretude física e material, é suplementado por uma imagem de si mesmo que constitui nas relações (Domingos, 2020). O imaginário, assim, é o lugar da identificação do sujeito para tamponar sua falta. Essa estruturação do inconsciente não é rígida, mas interdependente, cada elemento se conecta e se entrelaça aos demais, como por exemplo o nó borromeano (Lacerda, 2022).

O imaginário está intrinsecamente ligado à interpretação e aos significados que deles emergem. Relaciona-se com a necessidade que o sujeito tem de significar o mundo ao seu redor, de torná-lo compreensível, o que implica, necessariamente, a criação de significados aparentemente sólidos e bem definidos. Do qual, encontra-se uma busca pela plenitude (Lacerda, 2022). Os sujeitos têm a capacidade singular de criar símbolos para representar o mundo. Eles simbolizam até a si mesmos, do qual, envolve a capacidade de ver algo em um objeto que ele não é, ou de dar a ele um novo significado (Silva, 2009).

É por meio dessa capacidade singular que os seres humanos revestem de símbolos e significados imaginários a vida amorosa, quando elaboram ou instituem um ideal de amor como um modelo socialmente validado, que orienta comportamentos e relações. Somente aos indivíduos humanos foi dada a capacidade de criar representações e significantes para o mundo em que vivem (Silva, 2009). Dessa forma, o amor é retomado como a procura por uma completude, e, assim, o sujeito se entrega e se ilude com as expectativas – não aquelas criadas pelo outro, mas as que ele mesmo constrói e projeta no amado (Costa, 2022).

3.4 “PROJETA TUDO EM MIM E VOCÊ FICA COM O QUE?”: SOBRE A TRANSFERÊNCIA.

Os indivíduos desenvolvem uma maneira peculiar de guiar sua vida afetiva, ou seja, os requisitos que impõe para o afeto, os desejos que realiza, as metas que almeja. Isso gera, por assim dizer, um modelo (ou vários), que ao longo da existência é constantemente reproduzido,

reatualizado, conforme as condições externas e a índole dos objetos amados disponíveis o autorizam, e que certamente não é completamente inflexível frente a novas experiências (Freud, 1912/1976).

Os sujeitos costumam desenvolver um modo específico de se relacionar afetivamente, o qual surge da mistura entre aspectos inerentes e experiências vividas durante a infância. A partir dessas vivências, a pessoa define parâmetros que orientam seus investimentos libidinais. Dessa maneira, ao longo da existência, todos os encontros amorosos ou similares tendem a reproduzir tais condições. A esse processo dá-se o nome de transferência, que é consequência do desenvolvimento psíquico, em que parte fica acessível à consciência e outra permanece no inconsciente, podendo manifestar-se por meio da fantasia (Machado; Gradisk, 2024).

A transferência é abordada sob a mesma perspectiva que a fantasia. A transferência amorosa ou relativa a qualquer outra emoção não é vista nem como falsa nem como verdade. Nem falsa nem verdadeira, a emoção transferencial é genuína, ou seja, expressa o sujeito que experiencia. O amor transferencial reitera o amor infantil, porque essa é a natureza de todo amor, dentro e fora da análise. E ainda pode-se dizer de todo sentimento (Freud, 1915/1976).

Inicialmente, é importante destacar que o conceito de transferência não é exclusivo da psicanálise, sendo atribuídos a ele múltiplos significados. Em resumo, o termo remete à noção de deslocamento de afetos. Assim, a transferência não se limita ao contexto analítico, manifestando-se não apenas na relação entre analisando e analista, mas também em outras dinâmicas, como entre aluno e professor ou paciente e médico. Desse modo, ela pode ser identificada a partir da direção da energia libidinal para uma figura que recebe projeções afetivas, sejam elas positivas (como confiança e admiração) ou negativas (como aversão e repulsa) (Machado; Gradisk, 2024).

Para Freud (1915/1976), a transferência integra o *acting out*, isto é, a atuação, o comportamento que suplantariam as associações livres, apresentando as evidências mais diretas do material inconsciente. Nesse contexto, as associações livres ocorreriam em meio a uma ligação afetiva equilibrada. Esse vínculo afetivo recebe o nome de transferência, e o elemento que o sustenta não é aleatório, mas sim resultado de uma série de experiências acumuladas ao longo da vida como mencionado, moldando a forma como se conduzem os relacionamentos. Essas marcas buscam satisfação em novos encontros amorosos (Costa, 2022).

Portanto, esse traço carrega uma história e, ao deparar-se com um analista, reaparece, repete-se no cenário analítico, sendo transferido para a figura do profissional (Costa, 2022).

A transferência na análise, inicialmente, se revela como o instrumento mais potente da resistência, e pode deduzir que a força e a persistência da transferência são consequência e manifestação da oposição (Freud, 1912/1976).

A transferência está presente nas possibilidades das relações humanas e ocorre de forma espontânea. Dessa forma, o processo analítico não cria a transferência, mas, nesse *setting*, esse fenômeno ganha reconhecimento e assume um papel central (Machado; Gradisk, 2024). Assim, é válido ressaltar que há duas concepções de transferência: a primeira, como repetição de modelos de vínculo afetivo formados na infância (Freud, 1915/1976); a segunda, como manifestação da relação com a falta, que delinearía as possíveis formas de relação objetal a partir dos conflitos do sujeito.

Nos caminhos freudianas, Lacan (1960/1992) abre o famoso seminário sobre a transferência afirmando que “no começo da experiência analítica, vamos lembrar, foi o amor”, em vários momentos de sua obra, o psicanalista francês sustenta que a transferência é o amor por excelência. Nesse trajeto, Lacan postula que há algo passível de ser ensinado por meio da transferência, e isso seria a falta. Falta está marcada pela ausência, pelo desejo humano que só pode se tecer em volta de uma estrutura na qual a falta reina (Ravizzini, 2019).

Se a transferência ocorre pela via do amor, tendo como expressão o amor transferencial, então tudo o que é declarado nesse afeto, como: palavras, gestos, devaneios, sofrimentos e demais elementos presentes no discurso do analisando ganha relevância (Farias, 2009). Portanto, o amor de transferência busca um lugar onde se situa o suposto saber do analista. Vale ressaltar que a transferência não se refere apenas ao saber, mas principalmente à suposição de saber. Esse lugar de sujeito suposto saber é inatingível, pois tanto analista quanto analisando compartilham a mesma estrutura psíquica: atribui-se um saber a um sujeito que, ele mesmo, é uma suposição. Se o inconsciente é um saber ligado ao desconhecimento, então, logicamente, não há distinção entre o sujeito do inconsciente e o sujeito suposto saber (Pessin, 2013).

O analista então irá responder à transferência com uma aparente impostura. Esse lugar que ele sabe ser impossível, o lugar do saber também se define assim porque há um ponto de não saber, relacionado ao desconhecimento do sujeito. O sujeito desejante ocupa essencialmente a posição da falta, já que, em sua constituição, o discurso do Outro o marcou pela via da carência e do desejo. Dar sentido ao Real na transferência significa revelar ao analisando que o amor dito transferencial, ou seja, o amor direcionado ao suposto saber do analista, engana-se (Pessin, 2013).

O que está em jogo no engano do amor transferencial é algo que, sem que o sujeito perceba, busca capturar esse objeto no desejo do analista. Assim, pela simples existência da transferência, o sujeito suposto saber é colocado na posição daquele que detém esse objeto, o objeto fundamental da análise, pois é a causa do desejo (Pessin, 2013).

Lacan faz referência a "O Banquete" de Platão, do qual afirma que a interação entre Alcebiades e Sócrates marca a primeira manifestação de transferência de que se tem conhecimento. Além disso, ele sugere que o discurso de Aristófanes apresenta uma visão moderna sobre o amor, baseada na ideia ficcional de que o amor é essencial para atingir a plenitude na vida.

Ao considerar o amor de transferência como o elemento que fundamenta a experiência analítica, é possível estabelecer uma conexão entre o amor de transferência na análise e o amor na vida cotidiana. Ambos compartilham da mesma estrutura, embora não possam ser abordados da mesma forma, pois na análise a escuta do analista deve abrir caminho para um tipo diferente de amor, um caminho que leva a análise ao seu desfecho final: o reconhecimento da falta que nos constitui, ou seja, da nossa castração (Ravizzini, 2019).

Dessa forma, aquilo que é ensinado pela via transferencial só pode ser comunicado através do amor. Nesse contexto, o amor de transferência ou, poderia dizer apenas, o amor ensina àquele que ama que há uma falta inscrita em seu desejo (Henrique et al., 2023).

O ato de amar estabelece uma dinâmica que envolve duas posições distintas, são elas: a do sujeito, que é aquele que ama, e a do objeto, que é aquele que é amado. Nessa relação, o sujeito carrega consigo uma sensação de incompletude, uma lacuna que busca preencher por meio do objeto amado (Giannini, 2023). Dito isto, Lacan comenta que o que caracteriza o amante, érástès, no "Banquete de Platão" é aquilo que lhe falta, a marca da castração que lhe é inconsciente, algo lhe falta, mas ele não consegue nomeá-lo. Já o objeto amado, éróménos, é aquele que não sabe o que tem e faz o outro desejar. (Oliveira, 2019).

4 METODOLOGIA

Toda pesquisa pode ser entendida como um método racional e sistemático, cujo propósito é fornecer respostas aos problemas que são propostos. Ela é necessária quando há falta de informação suficiente para responder ao problema ou quando a informação disponível se encontra em tal estado que não possa ser utilizada e adequadamente relacionada ao problema (Gil, 2017).

O estudo foi realizado para compreender o fenômeno investigado em sua manifestação real dentro do contexto em que ocorre. Para essa abordagem, o método qualitativo possibilita melhor compreensão do comportamento humano e do contexto social (Losch et al., 2023).

A metodologia adotada para a pesquisa foi a de revisão bibliográfica e a pesquisa narrativa, de caráter qualitativo. A revisão bibliográfica é desenvolvida a partir de materiais já publicados. Convencionalmente, esse tipo de estudo abrange suportes impressos e online, como livros, periódicos, dissertações e artigos científicos, sendo elaborada com o objetivo de fornecer embasamento teórico ao trabalho, além de identificar o estágio em que se encontra o conhecimento sobre a temática (Gil, 2017).

Para viabilizar essa etapa inicial, a pesquisa seguiu os seguintes passos: seleção do tema; compilação bibliográfica preliminar; definição do problema; elaboração de um plano provisório do assunto; localização das fontes; leitura do material; organização em fichas; estruturação lógica do assunto; e redação do texto (Gil, 2017).

A pesquisa narrativa representa um método para compreender a experiência de um fenômeno em um processo entre pesquisador e o que está sendo pesquisado. Essa metodologia pode ser descrita como um procedimento que se baseia na coleta de histórias e narrativas sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno (Paiva, 2008).

Foram consultados artigos em periódicos, teses e dissertações disponíveis em plataformas digitais e acervo online gratuito, como também a utilização de livros. Para este levantamento foi utilizado a Plataforma de Periódico Capes; *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

A pesquisa teve como critério de inclusão os estudos que tivessem na íntegra de forma gratuito e acervo online e que tivessem relevância para a problemática e temática da pesquisa. E como critérios de exclusão todo material que não fosse em língua portuguesa e estudos publicados na forma de resumos, editoriais ou que não tenham o texto completo disponível para acesso.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O amor, tal qual foi difundido no mundo ocidental, constitui-se em significações imaginárias sociais que, de alguma forma, levam os indivíduos a tratá-lo como um sentimento milagroso, divino, uma experiência mágica. O amor romântico é visto como uma narrativa

amorosa hegemônica. Visto com prestígio cultural incontestável, colocado como um dos pilares para alcançar a felicidade (Silva, 2009).

Foi propagado como um sentimento universal, além de ser retratado como algo incontrolável pela força da vontade do sujeito. Caracteriza-se pela idealização passageira do objeto amado, considerado indispensável à existência com uma suposta liberdade na escolha do parceiro, pela autorrealização e, ainda, por demandar expectativas que nem sempre se alinham com a vida concreta dos sujeitos amorosos, o que, frequentemente, podem acarretar sofrimentos (Silva, 2009).

No contexto social, permeado pelos discursos e suas implicações nas esferas públicas e privadas, estudiosos das ciências humanas investigam o conceito de amor e sua integração nos cenários e formas da modernidade. Vale ressaltar o sociólogo Zygmunt Bauman e sua obra “Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos”, com a finalidade de descrever a falta de solidez que caracterizam as relações amorosas na contemporaneidade, centrada na problematização do amor em uma sociedade marcada pelo consumismo, pela indiferença e pela busca de prazeres instantâneos (Oliveira, 2019).

Assim, com um ganho significativo na velocidade de dados e interações, os processos informacionais adquiriram uma sensação de urgência, guiando as relações humanas por um caminho extremamente individualista. O consumo mantém o objetivo do benefício próprio, mas seu efeito estende-se ao abstrato, às ideias: não se consome apenas o tangível, mas também as pessoas, ou as ideias e representações daquela pessoa (Santos, 2020). Disso, emerge a desenfreada busca por felicidade e auto satisfação por meio do consumo, o que ocasiona a fragmentação e individualização da sociedade, a intensificação da competitividade, a emergência de novas formas de poder e controle, a aceleração do tempo e a sensação de insegurança e incerteza (Carballo; Fonseca, 2023).

O conceito "líquido" emerge na análise da observação das relações sociais realizada por Bauman. Conforme apontado pelo autor, anteriormente ao período líquido, os sujeitos estavam imersos em uma era que ele denominou de modernidade sólida. Nesse período, a sociedade era caracterizada por aderir às transformações clássicas proporcionadas pelo progresso econômico e capitalista, tais como os laços familiares tradicionais e a presença marcante da religião (Bezerra; Montoto, 2018).

Na modernidade líquida, essa dinâmica se transforma em algo menos definido e mais heterogêneo. Os ideais sofrem modificações a partir de discussões e questionamentos das ideologias então existentes, resultando em uma maior diversidade de grupos sociais. O que

resultou nos indivíduos a desenvolverem uma noção de identidade mais fragmentada (Bezerra; Montoto, 2018).

Bauman (2004) estende esse raciocínio, mas o filtra sob a perspectiva das relações amorosas e interpessoais contemporâneas. Na construção da modernidade líquida, os indivíduos passam a existir a partir do consumo, uma característica que molda o sujeito em relação à satisfação e, é justamente na satisfação, que as relações contemporâneas se sustentam (Bezerra; Montoto, 2018).

É por essa busca pela satisfação que as relações atuais encontram sustentação, a liquidez no amor, nesse sentido, está sujeito à satisfação, e quando esta se esvai, o indivíduo troca o relacionamento por outro que ofereça uma maior promessa de prazer imediato. Tal característica dos relacionamentos cria um ambiente propício à propagação da insegurança e da ansiedade, pois nunca se pode ter certeza da satisfação do outro. É exatamente nesse ponto que se baseia a argumentação de Bauman ao destacar a fragilização dos laços. Num mundo onde a busca pela satisfação pessoal predomina sobre a importância dos laços, os indivíduos se apaixonam e desapaixonam com extrema facilidade (Bezerra; Montoto, 2018). Se, por um lado, a cultura líquida busca a troca constante de objetos de satisfação, por outro, a psicanálise mostra as implicações desses desejos que preenchessem uma suposta falta.

Neste percurso, a psicanálise traz que pode-se considerar que o desejo é um efeito de uma falta, porém não de uma falta qualquer, mas sim daquela que é marcada pela incompletude, transmitida pelo Outro (Henrique et al., 2023). É na falta que surge o desejo. No "Banquete" de Platão, há um diálogo entre Diotima e Sócrates no qual Eros, o deus do amor, é apresentado como totalmente dependente do desejo, pois é isso que o anima, o faz viver, sua carência e sua falta. Nesse contexto, amar é sinônimo de desejar (Bezerra; Montoto, 2018).

Assim, o amor e o desejo emergem como respostas possíveis para preencher ou lidar com essa falta. Um desejo dessa forma sem objeto só pode ser expresso por meio de demandas que têm como foco final ficarem satisfeitas, isso porque entre o que se pede e o que se recebe sempre há a decepcionante constatação de que não é disso que se trata. Sendo assim, é um amor que se constroi na ilusão de que o outro tem o que falta (Ravizzini, 2020).

Ravizzini (2020) discorda de Aristófanes quando este insiste que os seres humanos são criaturas à procura de suas metades perdidas, cujo encontro resultaria em uma união perfeita. Entretanto, o amor está sempre lidando com algo que nunca se completa, uma vez que o objeto do desejo está sempre ausente.

Um exemplo disso surge na forma de um baile de máscaras, que busca ilustrar a dualidade da falta inerente ao jogo do amor. Durante o baile, um casal se encontra e cada um está convencido de que o outro é seu verdadeiro amor. Ele está convencido de que ela é a pessoa que o encanta, enquanto ela não tem dúvidas de que ele é quem ela tanto admira. Eles dançam juntos a noite toda, expressam seu amor um pelo outro, mas quando o baile termina e as máscaras caem, percebem que ele não era quem pensava que fosse, e ela também não era quem ele imaginava. Cada um deles acreditava estar com alguém que na realidade era outra pessoa. Dessa forma, quando as máscaras caem, não há mais filtro protetor, a fantasia acaba e o encontro com a falta aparece. Esse exemplo ilustra o encontro e desencontro nas relações amorosas, onde se dá algo que não se possui a alguém que não é quem imaginavam (Ravizzini, 2019).

Nessa lacuna, aquilo que falta a um não é o que existe, escondido, no outro. Assim, amado e amante - *érômenos* e *érastês* - são seres faltantes que só podem oferecer a falta, aquilo que não possuem a alguém que espera a completude, algo que não será recebido. A posição de amante/desejante e amado/desejado constitui uma dialética, pois ambos encarnam a falta e a pressuposição da posse do objeto (Oliveira, 2019).

Com frequência, os sujeitos supõem que em decorrência do amor ideal ele encontraria a parte que supostamente falta, a parte que livraria da própria falta, a parte que o preencheria por completo. Entretanto, no amor, o que se vivencia é o oposto. Quando se ama alguém, a falta tende a ser duplicada. Ao encontrar um amor, não encontra a parte que faltava até então. O sujeito encontra a metade que fará falta a partir dali (Kuss, 2022).

Não o bastante, é comum também que nas relações os sujeitos incluam alguma falta. Quando o outro está muito próximo, sua presença excessiva angústia. Nesse momento, surge a saudade de sentir saudade, a falta de sentir falta. "Vamos dar um tempo no relacionamento? Necessito sentir sua falta." Sendo assim, o sujeito deseja ser amado pela sua falta, e não somente pela presença. Ou seja, pela ideia de que podem fazer falta o sujeito dá-se possibilidade para localizar sua própria falta no outro (Kuss, 2022).

Sendo assim, cada vez que se encontra com alguém no campo do amor, depara-se com a condição faltante, tanto a sua quanto a do outro. Os encontros afetivos são entre pessoas e suas faltas, o que, por vezes, resulta em interpretações equivocadas, como um encontro mal sucedido. Muitas pessoas esperam demais do amor, acreditando que ele é infinito, inquebrável e imortal, ou que, se termina, nunca foi amor de verdade. É característico da condição amorosa acreditar que o amor não terá fim. Afinal, é difícil valorizar um amor que se sabe estar destinado a acabar (Kuss, 2022).

Na prática, o amor diz respeito a todas as identificações que marcam a trajetória do indivíduo, que lhe conferem uma unidade imaginária. Em suma, molda a noção do eu para o sujeito, ou seja, ser preenchida por completo. Na tentativa frustrada de se fazer um na relação amorosa, o sujeito se vê dilacerado entre seus anseios e suas expectativas idealizadas (Lacerda, 2022).

O amor romântico é uma demonstração da capacidade do ser humano de atribuir significado e dar sentido a fenômenos, que, envoltos em representações específicas, se tornam um domínio do maravilhoso, do mágico e da criatividade. Esse poder das significações simbólicas, desenvolvido socialmente, transformou o amor em um sentimento guiado pelo imaginário e significados sociais (Silva, 2009). O imaginário surge, então, como um conjunto de representações que guiam as relações uns com os outros e consigo mesmo, relação nunca neutra, pois é sempre mediada pelo desejo do sujeito (Lacerda, 2022).

O amor romântico inflado pelo ideal imaginário representa a eterna busca pela completude, essa esperança atravessou anos e permanece, até hoje, nessa idealização do objeto amado como a alma gêmea. Nessa perspectiva, o amor seria a eterna busca de realizar os desejos. Assim, o ato de amar revela a intrínseca relação entre o desejo relacionado à falta (Silva, 2009).

Há um momento em que a máscara cai, e descobre-se que o outro tem algo nele de si mesmo, que não é uma encomenda para o outro. É nesse momento, quando alguém desiste de se "fazer" para o outro, e assim, percebe-se a impossibilidade de sustentar esse Ideal do Eu ao desejo do Outro. Além de assumir a impossibilidade da completude, que possibilita renunciar à fantasia de se fazer um com alguém. Portanto, não se ama o outro porque ele é o seu espelho, ama o outro na notícia que ele dá de que há um mundo para além do seu narciso. E ter o próprio narciso furado é um grande alívio, e no amor, é disso que se trata (Kuss, 2022). Além de que o amor não elimina essa falta, razão pela qual pode ser dominada pela dor e pelo sofrimento, já que essa falta jamais será suprida, sendo parte da constituição do aparelho psíquico (Silva, 2009).

Surge então uma questão crucial ao questionar se amar não se representaria pelo desejo de ser amado. Nessa perspectiva, o amante é quem sofre pela paixão de um outro, ou seja, o amante seria o sujeito apaixonado, que ama não o objeto de sua paixão, mas o lugar em que foi colocado por esse outro. Nessa dinâmica, o sujeito amado apreende o objeto amante na medida em que o amor opera no registro do imaginário, e, nesse âmbito, inviabiliza qualquer relação recíproca (Novelli, 2017).

O amor dentro do registro imaginário pode-se constituir uma relação ilusória, pois envolve apenas o sujeito que anseia por ser amado e sua projeção idealizada do outro. Esse vínculo criado e sustentado por esse amor não perdura com o tempo, pois persiste apenas enquanto consegue manter a ficção que o sustenta. A partir do instante em que o objeto amante expressa sua autonomia e singularidade, ele deixa de ser idealizado, para além desse espaço imaginário insustentável (Novelli, 2017). Contudo, essa transição não implica a morte do imaginário, mas sim uma mudança objetal. Nesse percurso, instaura-se algo do símbolo, que, por sua vez, estabelece um laço (Amaral; Quintella, 2019).

A relação entre o amor e a castração coloca o outro diante de sua própria incompletude, de sua condição de ser castrado. Dessa forma, para além da articulação Simbólico-Imaginário do amor, na medida em que ele contacta e é contactado pela esfera do Real, o amor remete à falta inerente ao sujeito, pois, só ama quem se depara com a castração e com o inatingível, incompleto. Ao tentar preencher a falta, o amor também marca a existência desta, pois, do contrário, ele próprio cessaria. É nesse contexto que o amor força os indivíduos a se confrontarem com a noção de não todo, havendo sempre um resquício do real que se faz presente (Amaral; Quintella, 2019).

O amor não se restringe mais às características preciosas que o eu-ideal guarda. O amor no registro simbólico prende nas suas redes um para além daquilo que se é enquanto objeto imaginário. Existe uma diferença dessa concepção na identificação imaginária, ama-se aquilo que se parece ser, considerando o eu-ideal como origem. Por outro lado, no âmbito do Simbólico, ama-se para além daquilo que parece ser, ou seja, ama-se aquilo que também não parece ser, envolvendo um novo aspecto anteriormente ignorado (Novelli, 2017).

Portanto, é justamente em função de buscar o Outro que só o encontra na condição de sujeito barrado, não-todo, possibilitando que o amor possa se sustentar e avançar, não só como uma ilusão, mas para além dela. Perante as impossibilidades, torna-se necessário criar possíveis enlaces entre dois seres de fala, os quais jamais se unirão em um só, mas que, enquanto sempre distintos, podem fazer um vínculo. Vínculo, porém, entre encontros e desencontros, sempre comparecerá às diferenças, cujo traço deixa um vazio inapreensível e impreenchível (Amaral; Quintella, 2019).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O amor, apesar de seu estatuto significante e de sua conseqüente variância sócio-histórica e subjetiva, só pode se constituir ao corresponder com outros significantes,

pela mediação de um outro que sustenta a fantasia da relação amorosa. Portanto, é apenas através da trilha desejante do sujeito, em seus vínculos, em enlaçamentos e na significação dos afetos de que ele adentra na impossibilidade que o invade diante da impossibilidade de alcançar um ideal (Oliveira, 2019).

Criar um relacionamento que proporciona prazer aos envolvidos envolve encontrar uma organização entre dois sujeitos independentes, buscando uma semelhança nos significantes que regem o desejo de ambos. A procura do objeto, nesse contexto, seria o próprio desejo, e em um relacionamento, esses objetos podem se encontrar em características particulares dos envolvidos ou na simples idéia do indivíduo como um todo (Bezerra; Montoto, 2018).

O amor ocorre nas coincidências dos envolvidos, é entendido como um processo e não é visto como um encaixe bem resolvido, mas sim como o resultado do encontro das construções objetais dos sujeitos faltantes, do qual o amante inventa o seu amado para preencher sua falta. Há, com isso, apesar da presença do outro, um resquício na relação que impede uma sensação de completude, uma sensação que permite associar o lugar do desejo como um local de eterna repetição, um espaço que reflete a insatisfação humana.

Portanto, a presença da falta destaca a lacuna que define cada um, abrindo espaço para o vazio que permeia a existência dos seres de linguagem. No entanto, esse vazio não deve ser visto como um desajuste a ser eliminado, mas sim como uma oportunidade para novas criações e conexões diversas. É um arranjo possível diante do que não se concretiza e nunca se concretizará. Uma linha que delimita a entrelinha do discurso, ou, mais precisamente, um (des)encontro (Ravizzini, 2019).

O amor, tão desejado, é também profundamente exigente, pois precisa corresponder a uma série de expectativas idealizadas pelos amantes. Contudo, é justamente a consciência da falta — a percepção de estar só em seu próprio corpo, sem a suposta outra metade — que motiva o amor pelo outro e pela vida, para além de si mesmo. Longe de ser uma experiência dolorosa, no fim, é um profundo alívio (Kuss, 2022). Dessa forma, o amor na contemporaneidade é marcado pela tentativa de evitar o confronto com a falta, ainda que, ironicamente, o amor surja como resposta a essa falta.

Desse modo, a Psicanálise dá possibilidade de se desvencilhar da tirania da idealização perfeita do outro e, permite amar o outro para além desse espaço ideal, reconhecendo a condição de sujeito faltoso e, por isso mesmo, desejante.

Amar, assim, carrega consigo o que mais encanta o sujeito no amor: a falta. Falta esta que faz encontrar no amor algum desencontro ao ver o outro para além de si mesmo.

Apesar disso — e antes de qualquer coisa — , como exposto pela arte da cantora Marília Mendonça no trecho "me apaixonei pelo o que inventei de você", o amante é um inventor do ser amado (Kuss, 2022).

REFERÊNCIAS

AMARAL, Rebeca Espinosa Cruz; QUINTELLA, Rogério Robbe. O amor e a (re) invenção da vida no contemporâneo: Lacan com Badiou. **Analytica: Revista de Psicanálise**, v. 8, n. 14, p. 1-20, 2019. Acesso em: 18/03/2025. Disponível em: <http://seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/3594>

ARAÚJO, Manuela Buk de. **A teoria da falta constituinte em Clarice Lispector**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 39. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BEDÊ, Isabelle Aguiar Paiva; CARVALHO, Ângela Julita Leitão de; MACHADO, Juliana de Andrade Teófilo. Relações líquidas: sobre a fragilidade dos laços afetivos na atualidade. Liquid relationships: on the fragility of affective bonds today. **Latin American Journal of Development**, v. 4, n. 3, p. 1198-1206, 2022. Acesso em: 31/03/2025. Disponível em: <https://ojs.latinamericanpublicacoes.com.br/ojs/index.php/jdev/article/view/1100>

BEZERRA, André Ferreira; MONTOTO, Claudio César. OS RELACIONAMENTOS NA MODERNIDADE LÍQUIDA. **Leitura Flutuante**, v. 10, n. 2, 2018. Acesso em: 13/07/2025. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/leituraflutuante/article/view/35334>

CAIADO, Jessica. Querer ser já não é, e aquilo que resta é você. **Revista de Psicanálise Stylus**, n. 45, p. 121-126, 2022. Acesso em: 02/04/2025. Disponível em: <https://stylus.campolacaniano.com.br/cs/article/view/1001>

CARBALLO, Fábio Peron; FONSECA, Ana Paula Matins. A liquidez das relações autênticas na era hipermoderna: Um estudo sobre a fragilidade dos vínculos humanos. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 12, p. e119121243963-e119121243963, 2023. Acesso em: 02/04/2025. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/43963>

COSTA, Paulo. O que o amor vira quando chega o fim? Reflexões acerca do manejo transferencial. **Revista de Psicanálise Stylus**, n. 45, p. 71-80, 2022. Acesso em: 30/06/2025. Disponível em: <https://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/983>

CUKIERT, Michele; PRISZKULNIK, Léia. Considerações sobre eu e o corpo em Lacan. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 7, p. 143-149, 2002. Acesso em: 14/05/2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/B6bDhRYBMtzmhTs6m4tW4rd>

DENTZ, René Armand Dentz. Liberdade segundo a esperança: imaginação e escatologia a partir de Paul Ricoeur e de Jacques Lacan. **Teocomunicação**, v. 53, n. 1, p. e43826-e43826, 2023. Acesso em: 13/05/2025. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/article/view/43826>

DERZI, Carla de Abreu Machado. Da inibição, do sintoma e da angústia ao despertar do sujeito do desejo. **Psicologia em Revista, Belo Horizonte**, v. 28, p. 20-38, 2022. Acesso em: 13/05/2025. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/psicologiaemrevista/article/view/22920>

DOMINGUEZ, Michelle Gomes Alonso. Cantadas do amor contemporâneo: uma análise semiolinguística. **Revista de Humanidades**, v. 30, n. 1, p. 51-67, 2015. Acesso em: 31/03/2025. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6168759>

DOMINGOS, Leonardo. O GRAFO DO DESEJO COMO TEORIA DA LINGUAGEM: Intencionalidade e atos de fala. **Revista Cronos**, v. 21, n. 2, p. 97-113, 2020. Acesso em: 10/05/2025. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/25081>

FARIAS, Francisco R. Elegia ao Amor. **Psicanálise & Barroco em Revista**, v. 7, n. 2, 2009. Acesso em: 30/06/2025. Disponível em: <https://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/8794>

Freud, Sigmund. **A dinâmica da transferência**. 1976. Rio de Janeiro: Imago.

GIANNINI, Pérola Pitta Rocha. **A promessa do amor: um estudo psicanalítico sobre a falta original**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, p. 20. 2023.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6, ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONDIM, Letícia Pacheco. AMORte: entre o saber e a verdade na psicose. **Revista de Psicanálise Stylus**, n. 47, p. 141-152, 2023. Acesso em: 10/05/2025. Disponível em: <https://stylus.campolacaniano.com.br/cs/article/view/1079>

KASZUBOWSKI, Erikson; AGUIAR, Fernando. O registro imaginário nos antecedentes lacanianos. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 18, p. 85-100, 2015. Acesso em: 10/05/2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/6LsHg9pCnK7wLgxRJnmCJtp/>

KUSS, Ana Suy Sesarino. A gente mira no amor e acerta na solidão [livro eletrônico] / Ana Suy. -- São Paulo: **Planeta do Brasil**, 2022. Epub.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 8: a transferência** 1960. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed, 1992.

LACERDA, Gustavo Haiden. A escrita de si e o funcionamento imaginário atuante no gesto de comentar no Facebook. **Entrepalavras**, v. 11, n. 3, p. 296-316, 2022. Acesso em: 01/05/2025. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2171>

LINS, Regina Navarro. **Novas formas de amar. Nada vai ser como antes: grandes transformações nos relacionamentos amorosos**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

LOSCH, Silmara; RAMBO, Carlos Alberto; FERREIRA, Jacques Lima. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. e023141-e023141, 2023. Acesso em: 20/05/2025. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/17958>

MACHADO, Alexia Cristine; GRADISK, Eliane Aparecida Favarim. Concepções acerca do conceito de transferência na clínica psicanalítica. **Anais do 22º Encontro Científico Cultural Interinstitucional**. 2024. Acesso em: 30/06/2025. Disponível em: <https://www4.fag.edu.br/anais-2024/Psicologia%20-%20Alexia%20Cristine%20Machado.pdf>

NOVELLI, Ana Beatriz et al. Do amor imaginário ao amor simbólico: um percurso da transferência. **Reverso**, v. 39, n. 73, p. 27-34, 2017. Acesso em: 01/05/2025. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0102-73952017000100003&script=sci_abstract

NICOLAU, Roseane Freitas. Quem quer saber da falta? A psicanálise em tempos sombrios. **Trivium-Estudos Interdisciplinares**, v. 13, n. SPE, p. 34-41, 2021. Acesso em: 18/04/2025. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/trivium/v13nspe/v13nspea06.pdf>

OLIVEIRA ALVES, Lucas de. Perspectivas psicanalíticas sobre amor e laços sociais na modernidade a partir da obra `amor líquido` de zygmont bauman. **Psicanálise & Barroco em Revista**, v. 17, n. 1, p. 162-178, 2019.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista brasileira de linguística aplicada**, v. 8, p. 261-266, 2008. Acesso em: 25/10/2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/gPC5BsmLqFS7rdRWmSrDc3q/?format=html&lang=pt>

PESSIN, Luiza. O SABER E O AMOR TRANSFERENCIAL: na vida e na prática analítica, o sujeito é capaz de renunciar ao gozo para saber?. **Psicanálise & Barroco em Revista**, v. 11, n. 2, 2013. Acesso em: 30/06/2025. Disponível em: <https://seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/article/view/8648>

QUEIROZ, Matheus Wíglaf Greenhalgh de; SILVA, Joao Gabriel Lima da. A Psicanálise e as modalidades do amor contemporâneo. **Anais dos Seminários de Iniciação Científica**, n. 27, 2023. Acesso em: 18/03/2025. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/semic/article/view/10839>

RAVIZZINI, Simone. Presságios da letra de uma carta de amor. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 32, p. 298-305, 2020. Acesso em: 13/06/2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/mgZbjFnkLKNmjKFrMvzXwtJ/?lang=pt>

RAVIZZINI, Simone; VIDAL, Paulo Eduardo Viana. A metáfora do amor: A posição do analista perante o (des) encontro no encontro amoroso. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 3, p. 809-825, 2019. Acesso em: 13/06/2025. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4518/451862313015/451862313015.pdf>

SANTOS, Bárbara Chaim. "**Parece ironia querer viver um amor no século da p*taria**": um estudo sobre as mudanças do amor romântico com a popularização do meio digital no século XXI. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 61. 2020.

SANTOS, Victoria Sousa dos; MELLO, Ivone Maia de. O Conceito de objeto em Freud e a relação de objeto no primeiro ensino de lacan. **Anais dos Seminários de Iniciação Científica**, n. 25, 2021. Acesso em: 28/04/2025. Disponível em: <https://ojs3.uefs.br/index.php/semic/article/view/8866>

SANTOS, Helen Rose Monte Verde dos. **Real, Simbólico e Imaginário: Nós Que Entrelaçam O Ato Educativo Frente Aos Processos Subjetivos do Aprender E Ensinar Na Contemporaneidade**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado da Bahia, 2024.

SILVA, Vergas Vitória Andrade da. O imaginário romântico: modos de amar e sofrer. **Revista Inter-Legere**, n. 5, 2009. Acesso em: 01/05/2025. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4577>

VIDAL, Saru. A colonialidade/modernidade no mito do “amor-romântico”. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 21, p. 132-151, 2025. Acesso em: 31/03/2025. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/57499>